

ANTIFEMINISMO INSTRUMENTALIZADO PARA GANHO DE VOTO: CONTRASTES DO SUFRÁGIO FEMININO ATUAL COM SUAS ORIGENS NO FEMINISMO DE PRIMEIRA ONDA

Por Mariana Crossetti da Hora¹

Resumo: O Movimento Sufragista fez parte da Primeira Onda Feminista e buscou a participação da mulher na política, principalmente em relação ao direito de votar, iniciando mudanças estruturais na sociedade ocidental, inclusive no Brasil. Em 2018, tal movimento comemorou 100 anos, trazendo a oportunidade para um momento de reflexão sobre as alterações causadas e sobre a situação atual do feminismo. Ao fazermos um recorte para o Brasil, em 2018, observamos também eleições federais e estaduais, que nos permitiram ver a mulher brasileira na política hoje. Nesse contexto, encontramos a forte presença de um antifeminismo, que contrasta com as bases do movimento sufragista. Assim, o presente artigo objetiva analisar os motivos do crescimento desse “antimovimento” por meio de pesquisa exploratória bem como seu uso atual como instrumento para ganho de votos por parte de candidatos e candidatas.

Palavras-chave: Movimento sufragista; Mulher na Política; Antifeminismo.

Abstract: The Woman Suffrage Movement was part of the First-Wave Feminism and pursued the participation of woman in politics, especially regarding the right to vote, initiating structural changes in the occidental society, including in Brazil. In 2018, this movement celebrated 100 years, bringing the opportunity to a moment of reflection about the changes it caused and about the current situation of feminism. Looking into Brazil's situation, in 2018, we also observe the federal and state elections, which allow us to see the Brazilian woman in politics nowadays. In this context, we find a huge presence of antifeminism, which contrasts with the bases of the suffragist movement. Therefore, this article aims to analyze the reason for the growth of this “anti-movement” by exploratory research, as well as its present use as a tool for gaining votes by candidates.

Keywords: The Woman Suffrage Movement; Woman in politics; Antifeminism.

1 Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Federal Fluminense; marianahora@gmail.com

Introdução

O movimento sufragista brasileiro conferiu oficialmente às mulheres do país o direito de participação nos processos eleitorais, tendo como pauta principal o direito ao voto. Esse cenário foi fruto tanto das alterações no contexto externo, com movimentos da mesma natureza na Europa e Estados Unidos, bem como das mudanças internas da nova República instaurada que rompia com o modelo oligárquico anterior.

A luta em questão fazia parte de algo maior cujo objetivo era a maior emancipação da mulher, principalmente no campo político e jurídico, sendo, portanto, parte da primeira onda feminista. Desse modo, o movimento sufragista é por definição feminista. No entanto, ao analisarmos o desenvolvimento histórico dessa luta no Brasil, é possível observar ainda grande disparidade entre os gêneros na política nacional. Apesar da concretização do direito ao voto e de se candidatar, vemos que na maioria dos partidos ainda encontramos homens, mesmo que sejam partidos que alegam representar a “voz das mulheres”.

Desde 1995, foram aplicadas leis de cotas que buscavam modificar o quadro presente da ainda condição submissa da mulher na política. Essa lei passou por pequenas reformas ao longo dos anos e proporcionou um aumento de candidatas, porém não tanto de eleitas. O país está estagnado no patriarcado e isso dificulta a ascensão da mulher a espaços tradicionalmente ocupados por homens. Em 2010, porém, um grande feito foi conquistado: Dilma Rousseff é eleita e se torna primeira mulher presidente no país. Esse acontecimento se tornou importante símbolo da participação da mulher na política nacional, ocupando o mais alto cargo do poder executivo.

Os anos posteriores, porém, romperam com a simbologia de sua eleição. A grande crise econômica levou o país a desacreditar no governo de Dilma e principalmente em seu partido, que governava o país há 16 anos. Vítima de articulações políticas e da desaprovação social de seu segundo mandato, em 2016, a presidente sofreu impeachment dando lugar a Michel Temer, seu vice. Desde então, o país caminhou para um crescimento significativo do conservadorismo, ou simplesmente à aparição mais clara dos preconceitos intrínsecos e velados na sociedade brasileira. Um movimento que sofre com tal mudança estrutural é o movimento feminista, que é, inclusive, repulsivo para grande parte das mulheres.

O presente artigo se propõe a analisar como o antifeminismo é tão influente para diversas mulheres e como candidatos e candidatas se utilizam dele como instrumento para conseguir votos perante o novo cenário da política no país. Para isso, será necessário definir antifeminismo como ideologia para que posteriormente seja possível observar como se instaurou como pauta nos processos eleitorais recentes. Desse modo, eventos como o 1º Congresso Antifeminista do Brasil serão utilizados como ilustração. O objetivo é compreender como a mulher política hoje rompe com as próprias bases feministas do movimento sufragista que a proporcionaram participar do processo eleitoral e porque o fazem.

Antifeminismo

A própria análise da etimologia do termo “antifeminismo” nos demonstra que é uma rejeição aos feminismos. No entanto, se há tantas vertentes de movimentos feministas, qual princípio estaria de fato o antifeminismo buscando negar? Os movimentos antifeministas procuram a valorização da mulher definida pelo patriarcado, a mulher que tradicionalmente cuida do lar e se encaixa em determinados padrões, inclusive estéticos. Cabe ressaltar que o antifeminismo é também diverso, e que é compreendido em suas distintas dimensões, como retrocesso na modernização social, expressão de preconceito ou tradição, ou ligado a problemática do lugar da mulher como parte de grupos socialmente discriminados (SANTANA CRUZ, 2015).

Algumas autoras buscam definir e analisar esse movimento, a exemplo de Andrea Dworkin, que o considera a defesa política do ódio às mulheres e expressão direta da misoginia. (DWORKIN, 1983). Em sua obra *Right-Wing Woman*, Dworkin explicita que o antifeminismo tem sido utilizado como um veículo eficaz para a intolerância absoluta pois ele não se encaixa em pautas de Direita ou Esquerda. Para ela:

Antifeminismo se manifesta onde quer que a subordinação da mulher for ativamente perpetuada ou ressaltada ou defendida ou passivamente aceita, porque a desvalorização da mulher está implícita em todas essas posturas. (DWORKIN, 1983, p.198, tradução minha).

A grande questão é que o antifeminismo está cada vez mais popular entre as mulheres, e dessa forma consegue uma maior valorização visto que esse grupo é o protagonista das pautas defendidas pelo feminismo. Portanto, é de suma importância analisar como essas mulheres enxergam o feminismo e buscar entender os motivos de serem contra ele. Segundo a definição de autoras de um blog chamado “Mulheres contra o feminismo”¹, elas são mulheres a favor da feminilidade e acreditam que as feministas tentam impor uma igualdade “a todo custo”. Além disso, em sua visão as feministas defendem absurdos como incesto, relativismo moral e cultural que levam a liberdade a se tornar uma muleta. Para elas, a teoria feminista se faz mentirosa e não condiz com a realidade prática.

Por que o antifeminismo é aceito pelas mulheres?

Na obra de Dworkin (1983) a autora busca entender como o antifeminismo chega até as mulheres. Ela apresenta então três modelos que legitimam o status quo do patriarcado e influenciariam o público feminino a se identificar com ele. São eles o “*male-dominant model*” (modelo do macho superior), “*separate-but-equal model*” (modelo separado, porém igualitário) e o “*woman-superior model*” (modelo da mulher superior). Juntos, esses modelos compõem os argumentos antifeministas para a permanência dos padrões.

Assim, no argumento antifeminista, a mulher seria diferente do homem, pois cada um

1 Disponível em: <<https://mulherescontraofeminismo.wordpress.com/>>

teria sua função, e essas funções seriam de igual importância. Além disso, ela seria supostamente superior a ele em alguns quesitos, por exemplo no moral. O único momento em que a mulher teria efetivo poder sobre o homem seria ao provocar desejo sexual. Dessa forma, a dominância biológica masculina teria algumas possibilidades: (a) ser contrabalanceada pelo real poder sexual feminino (poderes separados porém iguais), (b) ser comprovada visto que as mulheres são “muito boas para serem tão agressivas quanto homens”, (c) ser considerada natural pois o complemento natural do domínio é submissão. (DWORKIN, 1983, p. 215-216).

Cabe ainda ressaltar em um recorte contemporâneo o importante papel do advento da internet para a maior propagação de movimentos antifeministas e outros movimentos de intolerância à diversidade. A velocidade com a qual opiniões agressivas contra a mulher são disseminadas em sites e blogs acarreta em um crescimento da ideologia instrumentalizada pela cultura de massa. O blog “Mulheres contra o feminismo” por exemplo, pela própria denominação deixa claros seus objetivos.

As pautas trazidas por páginas como essa são, inclusive, de questionamento quanto aos prejuízos que a mulher feminista traz a outras mulheres. Portanto, torna-se claro que buscam a preservação da mulher tradicional, peça constituinte da sociedade patriarcal. É comum também uma tentativa de construir uma imagem equivocada sobre o feminismo, desmerecendo sua luta por direitos e destacando-o como um movimento violento que busca banalizar a moral e apoiar questões absurdas tais quais pedofilia. Isso gera um sentimento de incerteza em muitas mulheres sobre o que o feminismo irá fazer com suas estruturas já estabelecidas (SANTANA CRUZ, 2015).

O Brasil caminhando para o conservadorismo

No Brasil, o antifeminismo, assim como outros movimentos com pautas conservadoras, ascenderam desde o segundo mandato de Dilma Rousseff, efeito ainda mais intensificado após seu *impeachment*. Em 2014, o país elegeu seu Congresso mais conservador em cinco décadas², ilustrando as mudanças que seriam potencializadas futuramente. Segundo Marcelo Braz (2017, p. 95), no processo pós deposição, havia uma unidade objetivando contrarreformas profundas que atendam a quatro objetivos centrais, dentre eles, “implementar uma cruzada conservadora e reacionária contra os avanços sociais no campo das “minorias” como forma de promover um retrocesso cultural e ideológico no país”.

Já em 2016, segundo pesquisa do IBOPE, o conservadorismo no Brasil atingiu seu ápice. O estudo baseou-se em 5 perguntas sobre temas polêmicos: 1) legalização do aborto, 2) casamento entre pessoas do mesmo sexo, 3) pena de morte, 4) prisão perpétua, 5) redução da maioridade penal. Esses questionamentos foram feitos em 2010 e 2016, possibilitando assim fazer uma comparação e observar aumento na porcentagem de respostas conservadoras. Desse modo, conclui-se que 54% dos brasileiros atingiram alto grau de conservadorismo³.

2 Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/535965-congresso-eleito-e-o-mais-conservador-desde-1964-afirma-diap>>

3 Disponível em: <<http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/aumenta-o-grau-de-conservadorismo-no-brasil/>>

Essa guinada conservadora pode ser explicada ainda pelo sentimento de ameaça provocado pelas alterações do mundo globalizado. Maria Helena Santana Cruz nos traz a visão do cientista político Anthony Giddens, o qual afirma que os principais conflitos hoje estão entre o Cosmopolitismo e o Fundamentalismo. (2015, p.35) O fundamentalismo se refere à estrita aderência a um conjunto específico de doutrinas, normalmente ligadas a religião. Para ele, os fundamentalistas veem apenas uma forma correta para se viver e esta deve ser imposta sobre as demais. (GIDDENS, 2004).

Segundo o autor, com a perda das garantias trazidas pela tradição, a incerteza estrutural é instaurada na vida das pessoas. Assim, questionam-se sobre o que se deveria crer e ao modo que se deveria viver. Nesse sentido, retoma-se à compreensão de que para adeptos ao antifeminismo, o movimento oposto é ameaça a princípios fundamentais estabelecidos sobre o suposto devido lugar da mulher. A clássica dicotomia entre ser feminista e ser feminina é paradigmática da inscrição da naturalização das relações de poder. A mulher feminista deixaria, portanto, de ser feminina, a qual é sua condição teoricamente natural (JARDIM PINTO, 1994).

Eleições Federais de 2018

As eleições presidenciais ocorridas no país em 2018 foram importante momento de consolidação do poder do antifeminismo. Candidatos e candidatas que apresentavam posicionamentos e pautas contrários a temas defendidos pelas feministas conseguiam, assim, maior apoio, principalmente de mulheres. Dessa forma, vemos que o antimovimento torna-se também, instrumento de ascensão aos cargos políticos.

O candidato eleito Jair Bolsonaro faz comentários machistas e denigre mulheres publicamente, como em um confronto verbal com uma colega deputada em que ele abertamente disse que ela não “merecia ser estuprada”. Esse tipo de comportamento levou ao crescimento de movimentos nas redes sociais e protestos nas ruas com o lema “#EleNão”, frase que simbolizava que ele não era um candidato aceitável, sem estar conectada a partidos políticos de sua oposição.

No entanto, o movimento gerou uma reação muito grande por parte de mulheres que o apoiavam, se apropriando do lema utilizado anteriormente e o modificando para “#EleSim”. Os argumentos das mulheres adeptas desse movimento se baseiam principalmente em uma visão criada do feminismo muito conectada à apresentada em redes sociais e outros canais, como o blog “Mulheres contra o feminismo”. O resultado da disseminação dessas ideias é uma concepção equivocada sobre as lutas dos movimentos feministas, que culminam em frases como a de Linda Fontes, agente imobiliária e moradora do Rio de Janeiro em uma entrevista ao The Guardian:

Uma feminista de verdade é uma mulher que levanta cedo, trabalha duro e luta pela sua independência, não essas mulheres que reclamam e quase não trabalharam um dia em suas vidas (2018, tradução minha)⁴.

4 Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/oct/14/bolsonaro-brazil-presidential-candidate-women-voters-anti-feminism>>

Comentários como o da carioca que se identificou como eleitora de Jair Bolsonaro explicitam uma imagem frequentemente divulgada sobre as feministas. Assim, a crença é de que as feministas reclamam sem motivos de assuntos banais e não trabalham ou lidam com assuntos sérios da vida. É uma imagem completamente sensacionalista e intensificada pelo fenômeno atual das *Fake News*, que corrobora para compartilhamento de notícias falsas e que muitas vezes influenciam a mente dos leitores.

No mesmo ano das eleições, outros eventos políticos chamam a atenção, como o 1º Congresso Antifeminista do Brasil. O evento e seu contexto são perfeita ilustração do momento histórico que o país está vivendo. A própria anfitriã e organizadora do congresso era antes militante feminista e hoje diz ter se livrado desse movimento e apoia ideias muito distintas. No referido período eleitoral, foi candidata pelo partido DEM, no entanto não saiu vitoriosa.

Além disso, outras candidatas estavam participando do evento, como uma catarinense que concorria ao cargo de deputada estadual e foi eleita. A antifeminista faz parte do partido do presidente eleito, o Partido Social Liberal, e durante o congresso citava seu nome ou frases conhecidas pelo público que faziam alusão à sua campanha. A propaganda política clara é exemplo da forma como o antifeminismo e o conservadorismo em geral adentram a política nacional. Durante o evento, princípios religiosos foram levados em conta, principalmente no tópico de destaque do evento: o aborto. A data do evento, inclusive, foi no dia seguinte a uma audiência pública no Supremo Tribunal Federal (STF) sessão que continuaria na segunda-feira seguinte.

Conclusão

A trajetória do voto feminino no Brasil se inicia como parte de um movimento feminista por definição. No entanto, na sociedade brasileira contemporânea, retrocesso e conservadorismo retomam um espaço significativo no país, o que altera a visão relativa aos movimentos feministas e impede o avanço de suas pautas, principalmente ligadas ao aborto.

Nesse sentido, a reação antifeminista ganha destaque, em especial durante as eleições de 2018. Nesse período, candidatos e candidatas se utilizavam de pautas contrárias às feministas e enalteciam um padrão feminino típico da sociedade patriarcal em vista de agradar um público, principalmente feminino. A eleição de Jair Bolsonaro que é conservador em diferentes tópicos e conhecidamente misógino, se torna simbólica. Além disso, comentários feitos durante o 1º Congresso Antifeminista do Brasil promovendo sua candidatura são um exemplo de como os dois elementos caminharam juntos no período eleitoral.

É de extrema importância nos atentarmos para como a mídia e os meios de comunicação em massa corroboram para a divulgação acelerada de ideias. O avanço das tecnologias ironicamente contribuiu para a disseminação de ideologias que flertam ao retrocesso. Além disso, é importante compreender o sentimento de medo criado na sociedade que leva milhares de mulheres a se sentirem ameaçadas pela maior emancipação buscada pelo feminismo. O presente trabalho não se propõe a abordar o assunto em sua totalidade, mas sim iniciar

uma reflexão acerca dos contrastes do sufrágio feminino nacional hoje em relação às suas origens.

Referências Bibliográficas

BLOG MULHERES CONTRA O FEMINISMO. Disponível em: <<https://mulherescontraofeminismo.wordpress.com/>>

BRAZ, Marcelo; **O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário**. Serv. Soc. Soc.nº.128. São Paulo Jan/ Abr.2017- . Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n128/0101-6628-sssoc-128-0085.pdf>>

CALCAGNO, Victor. **“Feche as pernas”: o que pregam os participantes do 1º congresso antifeminista do Brasil**. 2018. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/feche-as-pernas-que-pregam-os-participantes-do-1-congresso-antifeminista-do-brasil-22964525>>

Congresso eleito é o mais conservador desde 1964, afirma Diap. 2014. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/535965-congresso-eleito-e-o-mais-conservador-desde-1964-afirma-diap>>

CRUZ, Maria Helena Santana; DIAS, Alfrancio Ferreira. **Antifeminismo**. Revista de Estudos de Cultura, nº 01. Jan/Abr. 2015. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/revec/article/view/3651/3116>>

DWORKIN, Andrea. **Right-wing women**. New York. G. P. Putnam's Sons, 1978.

GIDDENS, Anthony. Caderno“Mais!”. **O cisma do Ocidente**. In: Folha de São Paulo, Domingo 7/3, 2004.

IBOPE. **Aumenta o grau de conservadorismo no Brasil**. Disponível em: <<http://www.ibopeinteligencia.com/noticias-e-pesquisas/aumenta-o-grau-de-conservadorismo-no-brasil/>> Acesso em: 04 de fevereiro de 2019.

JARDIM PINTO, Céli Regina. **Mulher e política no Brasil os impasses do feminismo, enquanto movimento social, face às regras do jogo da democracia representativa**. Estudos Feministas. Ano 2; 2º Semestre/ 94. 1994. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16109/14652>>

KAISER, Anna Jean. **I don't see any reason for feminism': the women backing Brazil's Bolsonaro**. 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/oct/14/bolsonaro-brazil-presidential-candidate-women-voters-anti-feminism>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

MARQUES, Danusa. **O que são as cotas para mulheres na política e qual é sua importância?** 2018. Disponível em: <<http://www.generationnumero.media/o-que-sao-as-cotas-para-mulheres-na-politica-e-qual-e-sua-importancia/>>

O movimento sufragista no brasil [Parte I]. TUDOR BRASIL, 8 mar. 2016. Disponível em: <<https://tudorbrasil.com/2016/03/08/o-movimento-sufragista-no-brasil/>>. Acesso em: 20 dez 2018.